

“Então é este o semblante de um vingador!”, disse para comigo quando, na manhã em questão, antes de pôr-me a caminho, me vi ao espelho. A frase escapou-me sem som e, ao mesmo tempo, articulei-a; pronunciando-a em silêncio, movi os lábios com extrema nitidez, como se quisesse lê-la e aprendê-la de cor a partir da minha imagem ao espelho, de uma vez por todas.

Este género de solilóquio, com o qual, de resto, assim como assim, e não apenas nos últimos anos, muitas vezes me entretinha sozinho dias a fio, pareceu-me, neste momento, no que me dizia respeito, uma coisa singular e, além disso, independentemente de mim, em todos os sentidos inaudita.

Era assim que falava e se apresentava um ser humano que, após muitos anos de hesitações, de adiamentos, entremeados também por esquecimentos, estava prestes a sair de casa e executar a vingança há muito pendente, é certo que — talvez — por sua conta e risco, mas, além disso, no interesse do mundo e em nome de uma lei universal, ou também simplesmente — porquê “simplesmente”? — para sobressaltar e, consequentemente, despertar uma opinião pública. Qual? Aquela que.

Era estranho: enquanto me contemplava ao espelho, a mim, o “vingador”, na figura da tranquilidade em pessoa e da instância que dominava todas as outras instâncias, estudando-me,

literalmente, ao longo de uma hora bem contada, sobretudo o par de olhos, em que, praticamente, não se via um pestanejar, o coração foi-me ficando cada vez mais pesado e, depois, longe do espelho, longe da casa e do portão do jardim, chegou a doer-me.

A maneira como costumava falar comigo mesmo, sem dúvida, sempre eloquente, era não apenas muda, mas perfeitamente inexpressiva, e — pelo menos eu assim imaginava — ninguém reparava nela. Ou então gritava da boca para fora, sozinho em casa e, ao mesmo tempo — de novo, na imaginação —, isolado de tudo e de todos, na alegria, na fúria, em geral, sem palavras, simples gritos, um gritar repentino. Mas, agora, na qualidade de vingador, eu abria, arredondava, arrepanhava, contraía, crispava a boca, abria-a, permanecendo mudo, num ritual bem definido, como já desde sempre, e, justamente, não previsto por mim pessoalmente, o qual, com o tempo passado em frente do espelho, se tornara uma rítmica regular. E essa rítmica acabara por transformar-se em sons. De mim, o vingador, saía um canto, uma cantilena, sem palavras, uma cantilena ameaçadora. E fora ela que suscitara a dor no coração. “Chega de cantar!”, gritei para a minha imagem ao espelho. E esta obedecera sem demora e interrompera o seu cantarolar, é certo que assim tornando o coração duas vezes mais pesado. É que, agora, era impossível voltar atrás. “Finalmente!” (De novo aos gritos.)

Avante para a expedição vingadora, a ser conduzida por mim a título individual. Pela primeira vez em dez anos, tomei um banho matinal, eu que, durante todo esse tempo, quando muito tomava um duche, enfiei-me depois, uma perna e um braço a seguir ao outro a preceito, no fato *Dior* negro-acinzentado antecipadamente estendido na cama com todo o esmero, juntamente com a camisa branca acabada de passar pela minha própria mão; a camisa, com uma borboleta preta retinta bordada no lado da anca direita, que pus à vista um dedo acima do cinto. O saco de viagem, que, sozinho, pesava mais do que o que tinha

dentro, posto ao ombro, e saí de casa sem trancar a porta, como era meu hábito mesmo em caso de ausências prolongadas.

No entanto, não havia senão três dias que, depois de várias semanas a vaguear pelo interior norte, regressara ao arrabalde em que tinha a residência habitual, a sudoeste de Paris. E, pela primeira vez, sentira desejo de regressar a casa, eu, que, depois do fim prematuro, senão da súbita interrupção, da infância que tivera, receava toda a espécie de regresso a casa, já sem falar do retorno à terra natal, mais ainda, que sentia horror de vir para casa, fosse de que maneira fosse — um aperto do corpo até ao mais fundo das tripas —, especialmente nesse sítio.

E estes dois, três dias após o meu regresso a casa que, mesmo tardiamente, pela primeira vez na vida não foi “feliz” (mantém-te longe de mim, felicidade!), mas sim harmonioso, tinham confirmado a minha consciência de estar no sítio certo, e de uma vez por todas. Já nada poria em questão a minha pertença, tal como o meu apego ao lugar. Era uma alegria pelo lugar, uma alegria constante, e esta alegria ainda foi aumentando ao correr dos dias (e das noites) e, em contraste com as quase três décadas anteriores, também já não se limitava à casa e ao jardim, não dependia de maneira nenhuma de ambos, tinha por único e puro objecto o lugar. “O lugar, em que medida? O lugar em geral? O lugar em especial?” “O lugar.”

A minha insuspeitada alegria pelo lugar, se é que, mais do que isso, não era crença no lugar (ou, se quiserdes, o meu tardio patriotismo local, como, normalmente, pode ser mais próprio de certas crianças), foi também reforçada por ter acabado de ser declarada na região uma daquelas férias que, no decurso dos anos, não apenas em França, se haviam tornado numerosas, não as férias grandes do Verão, mas as férias por volta da Páscoa, elas próprias também não assim tão curtas, prolongadas agora, no ano em questão da minha história de vingança, também com a ponte até ao 1.º de Maio.

Assim, as ausências, fossem quais fossem, deram forma a um lugar amplo e, de dia para dia, mais amplo e, em momentos

que valiam pelo dia inteiro, sem fronteiras. Dias a fio, não mais o abrupto duplo ladrar de cães por detrás da sebe, ao ouvir o qual a mão, estivesse a escrever palavras ou números (num cheque, numa declaração de impostos), escorregava e fazia um traço, e que traço grosso!, de uma ponta à outra do papel, um cheque ou outra coisa qualquer. Se, mesmo assim, se ouvia um cão a ladrar, era muito à distância, como outrora à noite, no campo, o que também contribuía agora para a consciência e a sensação espacial de regresso a casa, ou, pelo menos, de um regresso iminente.

Nesta época, havia menos pessoas na rua; muito menos. Acontecia, de manhã à noite, nas ruas e na praça da estação, que costumava estar apinhada de gente, cruzar-me apenas com duas, três pessoas, e, normalmente, eram desconhecidas. Mas também passava, estava parado, estava sentado (sobretudo, estava sentado) um ou outro que conhecia de vista, como estranho? Como uma pessoa diferente. E, fossem conhecidos ou desconhecidos: cumprimentávamo-nos regularmente, e era um cumprimento dos antigos. Muitas vezes, perguntavam-me o caminho e eu sabia sempre onde tudo ficava. Ou quase sempre. Mas, justamente quando não tinha presente um dos cantos da localidade, isso dava-me, e ao outro, um novo impulso.

Durante os três dias que se seguiram ao meu regresso, nunca o matraquear dos helicópteros, que costumavam transportar as visitas de Estado do aeroporto militar do planalto da Île-de-France lá para baixo, para o palácio do Eliseu no vale do Sena, ou de regresso. Nunca, trazidos até “nós” — assim pensava eu agora involuntariamente de mim e dos meus conterrâneos —, da pista de desembarque do aeroporto pelo vento primaveril, os fragmentos de música fúnebre com que, na época normal, os caixões dos soldados mortos em África, no Afeganistão ou noutro sítio qualquer, descarregados dos aviões oficiais para o catafalco de honra chamado “tarmac”, costumavam ser acolhidos na pátria francesa. O céu, apenas a meia altura riscado, atravessado em curva, voejado, tremeluzido (as primei-

ras andorinhas) e atravessado como uma bala (um disparo tão diferente e, de mais a mais, não a vinda dos falcões e das outras aves de rapina já com o ano avançado) por quase todas as aves possíveis e imaginárias, e, além disso, mais outra ausência, nada da águia, que, normalmente, Verão após Verão, descrevia, lá bem alto no zênite, as suas curvas solitárias no céu vazio, em vista da qual, certa vez, numa tarde silenciosa do pino do Verão, julgando que cá em baixo, em cima da terra, estava igualmente sozinho, não apenas nesta zona aqui, tive, podeis ter a certeza, a visão, uma visão mais para o apocalíptico, e, de qualquer modo, uma visão de horror: que, na mira da águia gigante, no último buraco celeste aqui na Terra, eu era o último ser humano.

E — para, depois de uma tal contemplação das esferas, pôr os pés no chão das ruas de alcatrão e calçadas de pedra deste mundo: além disso ainda, nada do estrondo de caixotes do lixo ao raiar da aurora ou dos habituais estridor e fragor incessantes, mas sim, quando muito, um estrondo esporádico, ora sete travessas além, ora a três pedradas de distância para lá da segunda rotunda, ora, após um, dois sonhos no meio de um sono leve, o caixote em frente da porta do vizinho mais próximo, aquele que, na sua vida adulta, entretanto bem longa, tanto quanto sei ainda nunca saiu da casa e da povoação: também aqui, como além mais longe, vindos dos escassos outros vizinhos, dos caixotes do lixo das casas próximas, nem estrondos nem tampas a cair — ao esvaziar, como se quase nada houvesse ali para esvaziar, sempre quase só um breve ruído, depois, um cicio, quase um chilreio, a roçar um como que secreto toque de campanha; por fim, um sóbrio voltar-a-pôr-no-sítio, certamente graças aos homens do lixo locais fora de série, que, de tempos a tempos, bebem à minha saúde no bar da estação. E, depois, a continuação das imagens formadas no sono leve, a predispor para o dia.

Recorrentemente, ao longo da vida, fora-me vindo à ideia a velha história mais ou menos bíblica do homem a quem Deus

ou outro qualquer poder superior agarrou pelos cabelos e levou pelo ar do sítio onde estava radicado para um lugar completamente diferente — para outro país. E, pela parte que me toca, em contraste com o herói da história, que, suponho, teria preferido ficar onde estava, teria eu desejado ser assim levado embora da casa onde vivo, agarrado bem atrás pelos cabelos, transportado para longe pelos ares fora para uma nova pousada graças a um poder misericordioso? Uma pousada é que não! Nada como ser expedido para longe do agora e do aqui!

Durante os três dias anteriores a pôr-me a caminho para a expedição de vingança, puxei-me quase de hora a hora pelos cabelos com as próprias mãos, mas não para me elevar do solo e ir pelos ares, para além dos horizontes, mas para me ancorar ou criar raízes, para me postar com ambas as pernas ali onde estava agora e aqui, e, ó milagre, ou talvez não, onde, por uma vez, me sentia em casa. A maneira como, todas as manhãs, mal me levantava, arrepelava os cabelos com o punho esquerdo, depois com o direito, puxava e abanava, com força e ainda mais força, à beira de um acto de violência contra mim próprio — visto de fora, talvez alguém que estava a ponto de arrancar o crânio a si mesmo —, e, contudo, sentia isso como um bálsamo que, de alto a baixo, pouco a pouco, até às coxas, aos joelhos, ao dedo mindinho do pé, enchia todo o corpo, e não apenas ele, o percorria em silêncio com vibrações de timbales, com sons mudos de tambor, com uma radicação no lugar que, de hora a hora, sofria novas ameaças.

O facto de, de um dia para o outro, aqui e além, uma das casas que, normalmente, durante as duas semanas das férias da Páscoa, ficavam desocupadas, me parecer habitada, harmonizava-se com esta singularidade — diferente de alguns em alguns anos, mas que me abria os olhos. Como se fosse uma regra local, ou mesmo uma lei local, depois de ter passado por uma dúzia de persianas fechadas e coisas parecidas, via-me sempre diante de uma casa onde pelo menos uma, se não todas as janelas, especialmente as do rés-do-chão, deixavam à vista

o interior, as salas de estar e de jantar. Estando, além disso, as cortinas abertas, como que premeditadamente, aquilo, mesmo sem as mesas estarem postas, tinha algo de hospitaleiro, até mesmo de convidativo: “Faça o favor de entrar, seja quem for!” Apesar disso, aquelas salas apresentavam-se sempre desertas. E era, justamente, estarem desertas que dava vontade de chegar mais perto e provocava apetite, um apetite generalizado. Impensável que, algures na amplidão luminosa de uma casa assim, alguém, o senhor proprietário ou a senhora proprietária, ou o casal completo, a tribo inteira, estivesse a espiar-nos de um canto escondido lá dentro, fosse como figura viva fosse num ecrã. Sentia-me sempre visto, é certo, mas com olhares de simpatia e de amabilidade. Estas casas só momentaneamente estavam desertas; mais um momento, e dar-me-iam as boas vindas, de uma direcção completamente imprevisível, fosse em francês, em alemão, em árabe (tudo menos um “welcome”). E ainda as vozes de crianças, como que vindas de cima, das copas das árvores.

E, uma vez, na segunda ou terceira — e, de momento, última — manhã do meu regresso e retorno a casa, diante de uma dessas casas hospitaleiras despovoadas, no minúsculo jardim da frente, onde a erva crescia como erva, em vez de representar um relvado ou outra coisa qualquer, estava então a fumar uma churrasqueira como que acabada de improvisar com barras de ferro e, assim, a modos que arcaica, duas colunas de fumo que saíam de dois braseiros muito chegados um ao outro, com a fumarada, de um lado, a subir para o alto a direito, de modo clássico, e com uma claridade uniforme, enquanto a do outro lado, ao mesmo jeito clássico, era comprimida para o chão, um fumo escuro e fuliginoso, se bem que apenas de início, ao espalhar-se para fora do lume: pois, em seguida, num remoinho, por atalhos rentes ao chão, também esta segunda fumarada, em contradição com a história antediluviana do fratricídio, tomava um curso a prumo para o alto, o fumo que formava novelos enegrecidos para lá e para cá transfor-

mava-se em nuvenzinhas penugentas de um branco claro que (quase) podiam confundir-se com aquelas semitransparentes da grelha gémea, ainda mais espantoso, uma verdadeira novidade mundial: as duas colunas de fumo encontravam-se no alto, pouco antes de ambas se tornarem por completo transparentes e desaparecerem no espaço, até mesmo, de momento a momento, em conjunto; abraçavam-se as duas; entrelaçavam-se uma na outra, e isto sem parar e sempre de novo, à medida em que, em baixo, um e o outro foguete de fumo ascendiam da grelha.

E vejam lá: quem saiu agora da casa que parecia vazia e me convidou no jardim para o banquete foi, seguida como sempre pelo marido alguns passos atrás, a antiga carteira, *la factrice*, que, há alguns meses, tal como o marido, também ele carteiro, *facteur*, esse já há anos, se reformara. Ainda conservo o bilhete em que ela, “votre factrice Agnès”, nos comunica, à população da zona, que, sempre às voltas na bicicleta, em 10 de Julho de 20..., fará o seu último giro, *ournée*, e, quando, uma vez, julguei ter perdido o papel, foi, para mim, que, afinal, perdera tanta coisa na vida sem pena nenhuma, quase uma desgraça — um raio de luz, depois, no meio de toda a papelada, sem andar à procura, deparar, justamente, com esse bilhete, tal como o tenho agora diante de mim em cima da mesa. Ficámos de novo sentados a três no jardim, até a tarde ir adiantada, e os dois antigos carteiros contaram como eles, o marido, das Ardenas, no Nordeste da França, a mulher, da parte montanhosa do Sudoeste da França, tinham sido recrutados pelos Correios centrais para a região de Paris e para a Île-de-France, enquanto pessoas do campo sem habilitações, mas que, mais robustas do que os metropolitanos, eram as pessoas indicadas para a distribuição do correio sobre rodas — na altura, evidentemente, ainda sem motores —, para as inúmeras subidas da grande periferia de Paris, os pedaladores apropriados para os percursos específicos da região da Île-de-France, chamados, na linguagem de ciclista, também no *Tour de France*, *faux plats*,



“falsas planuras”, trechos inclinados intermináveis, quase invisíveis, mas tanto mais perceptíveis em cima da bicicleta.

Embora ainda faltasse bastante para o Verão, este dia, aliás, todos os três dias, ficaram-me na memória como os mais compridos do ano: como se a noite fosse sempre retardada além da fronteira natural dia-noite; como se o Sol, “como por milagre”, não se pusesse de moto-próprio, pelo menos, até eu participar no episódio local seguinte, e ainda em mais um e mais um. E mesmo as noites vinham sem a sensação do escurecer.

E não é que, mais uma vez!: é certo que, na casa autoconstruída do casal de vizinhos falecidos quase a seguir um ao outro ia fazer uma década, as persianas continuavam descidas, como desde aquela altura — a tinta, um bom trabalho de pintor, ainda sem estar descascada em nenhum sítio —, mas, através do jardim ao abandono, onde, aqui e além, mais suntuosa do que dantes, havia uma rosa a abrir, estendia-se uma corda de roupa cheia exclusivamente de coisas de criança, mais ou menos escuras, dantes ter-se-ia dito “pobretonas”.

E ouve: nas veredas dos bosques das colinas o ranger e chiar dos ramos a roçarem uns nos outros ao vento como repetição das portas dos jardins, das casas e das adegas da zona que se abrem, hospitaleiras (aquele braseiro não permanecera o único).

Olha, olha: a clareira, onde, habitualmente, já ao longe ressoava o tilintar dos centos de bolas de *boule*, vazia, com exceção de um automóvel na orla, atrás do volante, um homem de tranquilos olhos abertos, sem olhar para nada, imperturbável, senão para a clareira, para a ampla superfície de cascalho com os rastros dos círculos do jogo, conservado neste sítio de propósito para isso, tal como, diz-se, muitos portugueses do interior viajam até à costa com o único fito de, durante algum tempo, sem sair e deixando-se ficar todos contentes dentro do carro, terem o oceano à sua frente. Mas não é que aquele homem ali é mesmo um português, um pedreiro, que diferentemente de hoje, muitas vezes tem o cabelo cheio de pó de cimento, um dos compinchas dos serões no bar da estação?